

MAIMÔNIDES: GUARDIÃO DA ONIPOTÊNCIA DIVINA

Marcílio Paes Mendes*

O *Rabi Moshê ben Maimon* (1135-1204), comumente chamado de Maimônides e também conhecido pelo acrônimo *RaMBaM*, pode ser contado dentre os filósofos medievais chamados de racionalistas. Entretanto, a agudeza de seu sentimento judaico não somente fez de Maimônides um respeitadíssimo talmudista, mas foi o fermento necessário para que seu pensamento não fosse um mero esforço de compatibilização a qualquer custo entre a religião judaica e a filosofia ocidental. De acordo com Julius Guttmann: “Maimônides expõe com toda agudeza a oposição entre o aristotelismo e a revelação, a fim de superá-la por uma síntese genuína.” (GUTTMAN, J. 2003, p. 181). Maimônides impõe limites ao alcance da especulação racional quando acredita que esta pretende conclusões contrárias ao autêntico judaísmo. Apoiado na autoridade dos Profetas e das Escrituras, o Rambam, embora modesto, busca denunciar a presunção dos que pretenderam ter provado a impossibilidade das verdades religiosas que ele considera fundamentais.

Por outro lado:

A filosofia, para Maimônides, é o meio para conseguir alcançar a revelação. A fé é um modo de ciência e a filosofia, à sua maneira, é uma forma religiosa de alcançar a Deus. Por isso, pondera, como Al Farabi, que a intuição profética é simplesmente um grau mais elevado da intuição filosófica. (SABAN, 2008, p. 95-96).

Maimônides aproxima as figuras do bom filósofo e do judeu piedoso e defende que a Escritura seja interpretada à luz da filosofia (a ponto de abrir mão da interpretação literal de passagens que pareçam apresentar opiniões contrárias a verdades demonstradas racionalmente). Dessa forma, sua coerência é uma construção delicada; seu percurso argumentativo, por vezes, parece estar sendo trilhado sobre o fio dos instrumentos de corte que, como respeitado médico, nosso autor bem conhecia.

O conflito típico do pensamento medieval se dá entre uma religião específica

* Graduando em Filosofia – Integrante do Núcleo de Pesquisas em Filosofia Islâmica e Judaica da Unifesp.

que se pretende verdadeira fundamentando-se na Revelação e aquela especulação racional, trazida dos gregos através da cultura árabe, que exige, de toda doutrina que pretenda o status de Verdade, que tenha sido demonstrada lógica e cientificamente¹. Para ilustrar a postura de Maimônides frente a esse conflito, utilizarei uma apresentação de sua polêmica contra o aristotelismo (passando por sua discordância frente à posição dos pensadores do Kalam²) a respeito da doutrina da Eternidade do Universo.

Maimônides nasce em Córdoba, onde seu pai era juiz da corte rabínica. Após a tomada de Córdoba (capital dos almorávidas, que lhes conferiam liberdade religiosa) pelos almôadas, sua família é forçada a migrar para Fez. Não se sabe, ao certo, os motivos da escolha da cidade, dado o fato de que Fez também se encontrava sob o domínio almôada e sua fé judaica só poderia ser praticada secretamente. Em 1165, sua família fugiria do poder almôada e seguiria para o Egito, onde Maimônides estudou medicina e viria a se tornar médico da corte de Saladino. Em 1168, Maimônides se estabelece no Cairo. Posteriormente, se tornaria juiz-mor e chefe político da comunidade judaica no Egito. Dentre outras obras menores, Maimônides escreve comentários à *Mishná* e à *Ética dos Pais* e um muito influente código rabínico intitulado *Mishné Torá* ou Repetição da Lei. Em 1190 é publicado, em árabe, *Dalalat al-Hairin*, O Guia dos Perplexos, sua principal obra filosófica, com o intuito de que servisse como um guia para os que frente às aparentes contradições entre a filosofia e a religião, duvidassem da especulação racional ou do judaísmo.

Maimônides é o principal responsável por plantar o aristotelismo em sólido judaico, antes que escrevesse como um seu forte opositor na discussão a respeito da Eternidade do Universo, defendeu o aristotelismo em sua forma convencional derivada, sobretudo, de Al-Farabi. Ao mencionarmos autores muçulmanos, é importante citarmos também a figura de Averróis, com o qual Maimônides concordara na crítica à dialética

1 Aqui entendemos por lógica basicamente sua sistematização aristotélica que buscou determinar mais claramente os princípios de acordo com os quais opera o pensamento racional e foi reinante na filosofia medieval. E por ciência, a idéia de que vivemos em um cosmos ordenado que possa ser conhecido em suas leis ou regularidades através da observação, mas também da abstração, lembremos que em tal momento não havia a moderna separação entre a filosofia e o método científico.

2 Podemos definir o Kalam como uma escola de pensamento islâmico que surgiu dos esforços de interpretação do Corão a partir das discussões teológicas suscitadas pelas disputas em torno da sucessão política do profeta Muhammad (embora o sentido do termo *kalam* seja muito abrangente e o Kalam como escola de pensamento bem determinada tenha se formado somente algum tempo depois). Os pensadores do Kalam, chamados de *mutakálemim*, influenciaram os judeus, de modo a considerarmos a existência de um Kalam judaico, do qual o principal expoente foi Saádia Gaon (reitor) da Academia de Sura.

dos *mutakálemim*³. Em suas idéias a respeito do propósito da revelação, dado o fato de que boa parte da verdade religiosa possa ser alcançada pela mera razão e que a especulação racional seja um preceito religioso, derivadas de Saádia Gaon (que a Revelação possui um valor pedagógico para aqueles que não são capazes de pensar por si próprios e que serve como um guia da especulação racional), Maimônides influenciou até mesmo a escolástica cristã.

Na segunda parte do *magnum opus* filosófico de Maimônides⁴ (mais exatamente a partir do capítulo 13 do Guia dos Perplexos), nosso autor postula como dever de todo aquele que pretende ser fiel a lei de “*Moshé Rabênu*” crer em Deus como único e suficiente criador de tudo o que há, sejam anjos, esferas celestes, tempo, terra, céu ou mar. Para Maimônides, Deus pode criar tudo do Nada Absoluto assim como pode reduzir tudo a nada tão somente pelos desígnios de sua vontade, a qual não está sujeita a nenhum impedimento externo, mas pode ser mudada por Ele, se Lhe aprouver (por motivos que ignoramos). E assim seriam céus e terra, sujeitos ao absoluto poder criativo ou destrutivo de Deus, não meramente transformador (ou emanacionista).

Fundamentado em Aristóteles, Maimônides afirma que o tempo é um acidente do movimento e o movimento é um acidente das coisas que se movem, portanto, o tempo tal como o conhecemos não pode existir sem um substrato material. Tomando isso como base, não se pode dizer que os Céus e a Terra tenham sido criados “*no início*”, afirma ele. Todo o universo material foi trazido da absoluta inexistência à existência pelo poder criador de Deus e inclusive o tempo pertence às coisas criadas. Muitos homens não puderam entender a real natureza do tempo, isso se deveu à essencial característica do tempo que é a de não permanecer inalterado nem sequer por dois momentos consecutivos e ao fato de ser um acidente de outro acidente, o movimento, este que, por sua vez, também é variável.

³ Ver nota 2.

⁴ “(...) o Guia compõe-se de três partes. A primeira consiste numa exposição dos “segredos” (*sodot*) contidos nos livros dos Profetas, a partir de uma exegese filológica de certos termos contidos na Bíblia, bem como uma profunda discussão sobre os atributos de Deus e uma crítica aos métodos do *Kalam*. A segunda parte do Guia, que é a que nos interessa propriamente aqui, dedica-se a estabelecer relações entre a Filosofia e os conteúdos das Escrituras, especialmente quanto à questão dos seres existentes e da criação do mundo, apontando suas proximidades e distâncias; desta parte consta também uma discussão sobre a questão da Profecia. A terceira parte do Guia discute questões sobre as disciplinas místicas judaicas (*Maaseh Bereshit e Maaseh Merkabah*), trata de questões como a matéria, o mal, a Lei de Deus e a conduta do homem.” (CAVALEIRO DE MACEDO, C.)

Deus *existe* por um *espaço de tempo* infinito antes da Criação, pois, como Maimônides argumenta no decorrer do texto, as evidências em favor de o Universo ser resultado de um projeto demandam que este tenha sido colocado em prática em certo *momento* da eternidade. Mas nesse caso, a palavra *tempo* é usada por homonímia, em uma analogia ao tempo como o conhecemos pela percepção através do movimento das coisas materiais (assim como a palavra *momento* que remete à idéia de tempo) e o verbo que se refere à existência de Deus não pode ser entendido no mesmo sentido em que o entendemos em relação às coisas materiais.⁵

Essa consideração tem uma função chave no fio argumentativo do texto *Sobre a Teoria da Eternidade do Universo*, pois, segundo Maimônides, se admitimos que o tempo exista antes da criação do Universo, somos forçados a admitir a Eternidade do Universo. Se Deus é absolutamente imaterial, para que o tempo tenha existido antes da criação do Universo, é necessário que algo tenha coexistido com Deus pela eternidade para ter servido de substância ao movimento do qual o tempo seria um acidente.

O Universo não é resultado necessário da existência de Deus. Antes que Deus o criasse, o Universo era apenas possível. Dessa forma, a *creatio ex nihilo* (fundamental doutrina judaica da “Criação a partir do nada”) assim formulada por Maimônides significa, por um lado, a criação de todo o Universo tão somente pelo poder de Deus sem que este tenha necessitado de qualquer substrato material e, por outro, que a Criação foi resultado de um projeto concebido por Deus e executado por ele num determinado *momento da eternidade*.

Platão havia defendido a transitoriedade do tempo e dos Céus. Entretanto, na visão de Maimônides, Platão acreditava que os Céus haviam sido criados a partir de algo preexistente. Em oposição à lei mosaica, os filósofos argumentavam ser impossível que Deus criasse algo do *Nada Absoluto* ou tornasse a reduzir algo (ou tudo) a nada. Isso, afirmavam eles, seria o mesmo que admitir a possibilidade de Deus fazer com que algo exista e não exista ao mesmo tempo ou que Deus pudesse criar outro ser semelhante a Ele, ou ainda que ele pudesse fazer com que um determinado ser possua simultaneamente duas propriedades opostas, mutuamente excludentes (absurdos

⁵ Embora, no presente artigo, não possamos entrar em pormenores, é importante mencionar que Maimônides nos deixou sofisticadas reflexões a respeito dos atributos de Deus e de como podemos ou não nos referir a Ele, textos a partir dos quais podemos tomar como conclusão uma radical *teologia negativa*.

igualmente inconcebíveis segundo eles). Argumentavam esses filósofos que a natureza do que é impossível é constante, independente da ação de um agente e, por conta disso, é imodificável. Não consistindo, pois, as impossibilidades, em um defeito de Deus. Segundo os defensores dessa teoria, uma determinada substância coexiste com Deus pela eternidade. Deus não subsiste sem ela, muito menos ela sem Deus, pois Ele é sua causa. A partir dessa substância, cria Deus o que lhe aprouver e, de acordo com seus desígnios, pode tornar a reduzir o Universo a ela, assim como os que, depois de sua morte, são reduzidos “ao pó”, mas não ao *Nada*. A essa, Maimônides denomina segunda teoria (em subsequência à *creatio ex nihilo* que, no texto, é denominada primeira).

Maimônides defende sua formulação da *creatio ex nihilo* bíblica em oposição à opinião dos filósofos e inclusive em oposição aos *mutakálemim*, que, segundo ele, formularam idéias inúteis para a refutação da teoria da eternidade do Universo. De acordo com Maimônides, dentre as teorias que postulam Deus como causa primeira do Universo, a melhor é a de Aristóteles, que agiu tão bem quanto possível na tarefa de inferir a origem do Universo a partir da consideração das leis que regem o mundo material em seu atual estado. E, portanto, é frente à filosofia aristotélica e as idéias de seus seguidores que o debate se desdobra. O aristotelismo, para o nosso autor, é a única filosofia digna de consideração nesse caso e as objeções levantadas por um e outro lado, de certa forma, abarcam toda a correção que possa haver em outras teorias filosóficas.

Aristóteles leva às últimas conseqüências as idéias previamente expostas e afirma que os Céus são eternos, não sujeitos à gênese ou destruição e que o tempo e o movimento são igualmente eternos e permanentes.

O mundo sublunar, que inclui os elementos transitórios, tem sido sempre o mesmo, porque a matéria-prima é eterna e simplesmente se combina sucessivamente de diferentes formas; [...] Ele ainda diz – embora não nestes termos – que considera impossível para Deus modificar Sua Vontade ou conceber um novo desejo, que Deus produziu este Universo em sua totalidade por Sua Vontade, mas não do nada. Aristóteles considera impossível admitir que Deus mude Sua Vontade ou conceba um novo desejo, seria como acreditar que Ele é inexistente ou que Sua Essência é mutável. (Guia, II, 13).

Maimônides nos apresenta, no capítulo 14 do Guia, sete métodos através do quais os filósofos buscaram provar a teoria da *Eternidade do Universo*.

O primeiro método está fundamentado no fato de que, para Aristóteles, se o movimento que conhecemos não fosse eterno, tivesse um início, seria necessário que

um movimento anterior tivesse ocorrido em sua origem, pois toda transição da potência ao ato implica movimento. O mesmo valeria para o tempo que está intimamente ligado ao movimento: Não há movimento fora do tempo e o tempo só pode ser percebido no movimento.

O segundo método afirma que “A Primeira Substância comum aos quatro elementos é eterna”, uma substância sem forma que se não passou a existir a partir de outra substância, deve ser eterna.

O terceiro método argumenta sobre as esferas celestes que elas não têm elementos opostos em si, pois o movimento circular não possui direções opostas como o movimento retilíneo das coisas compostas pelos quatro elementos. Para Aristóteles, a destruição de tudo o que há se deve aos elementos opostos dos quais cada coisa é composta. Dado o fato de que, portanto, as esferas celestes não serão destruídas, Aristóteles conclui que sempre existiram. Segundo Maimônides, dessa forma, Aristóteles está assumindo a seguinte máxima: “tudo o que tem um início é destrutível e tudo o que destrutível teve um início; as coisas sem início são indestrutíveis e as coisas indestrutíveis não têm início.” (Guia, II, 14).

Dado o fato de que, para Aristóteles, a produção corrente de algo é precedida, no tempo, por sua possibilidade, o Estagirita conclui pela eternidade do movimento circular das esferas. Alguns aristotélicos, em tempos mais próximos a Maimônides, teriam afirmado que a possibilidade da criação do Universo deveria ter um substrato material. Esse é o quarto argumento, considerado forte por Maimônides. Ele ainda acrescenta que é inútil a tentativa de refutação feita pelos *mutakálemim* recorrendo à idéia de que a possibilidade está com o agente (Deus), não com a produção.

O quinto, sexto e sétimo métodos são baseados nas noções formadas a respeito de Deus e derivados da filosofia aristotélica, mas formulados por filósofos posteriores a ele. O que fizera, Deus, antes de criar o mundo?

O quinto argumento é a idéia de que se Deus criou o Universo, antes de tê-lo feito, deveria ser um agente potencial para, então, tornar-se um agente de fato. Notemos que tal argumento é frontalmente conflitante com a idéia judaica de Deus e assumi-lo poderia o mesmo que assumir a inexistência do Deus dos judeus. A isso se deve a dureza que Maimônides demonstra contra esse argumento em seu texto.

O sexto argumento afirma que Deus não pode ser um agente inativo em um momento e ativo em outro, dado o fato de que não está sujeito a impedimentos externos ou circunstâncias desfavoráveis que impeçam seu desejo de criar o Universo. Seu desejo é constante bem como sua existência, portanto, o Universo deveria ter sempre existido.

O sétimo argumento recorre à perfeição do Universo e afirma que ele deve ser permanente, pois é resultado da Sabedoria Divina que é idêntica à essência de Deus. Maimônides acrescenta ainda um oitavo método ao qual teria recorrido Aristóteles que é a crença comum dos povos na permanência e estabilidade dos céus, ao que se deve o fato de os céus serem comumente tomados como morada de Deus e dos anjos. Aristóteles estaria assim reforçando os resultados de sua especulação filosófica por meio do senso comum, o que, para Maimônides, dentre outros motivos, viria a ser evidência de que ele mesmo sabia não ter provado sua teoria por meio de demonstração.

Para Maimônides, Aristóteles alcançou como resultado de sua especulação uma resposta tão boa quanto é possível inferir a partir do estudo das coisas tais como se apresentam na Natureza. Os pensadores do Kalam acreditavam ter refutado a teoria aristotélica e demonstrado a *creatio ex nihilo*, mas o fizeram por meio de argumentos dialéticos. Maimônides considera inúteis argumentos que concordem com Aristóteles em que se possa inferir uma tese confiável a respeito da origem do Universo a partir do atual estado das coisas na Natureza. Essa é a idéia central a partir da qual Maimônides argumentará contra a teoria da Eternidade do Universo como veremos a seguir. Maimônides desconstruirá os argumentos aristotélicos com o intuito de evidenciar o fato de que a Eternidade do Universo jamais foi demonstrada por inferência lógica, ou seja, provada. Maimônides afirma que prefere assumir o fato de não ter sido provada também a Criação a tomar argumentos dialéticos por provas (como fizeram os *mutakálemim*). Nosso autor buscará, portanto, afirmar que tanto a *creatio ex nihilo* quanto a Eternidade do Universo são improváveis (no sentido literal dessa expressão) e recorrerá a critérios curiosos para fundamentar sua escolha religiosa, psicológica e prática da *criação a partir do nada*.

Na formulação do argumento que, de acordo com ele, serviria para refutar os quatro primeiros métodos dos aristotélicos, Maimônides utiliza a figura ou analogia de um órfão criado em uma ilha deserta. Tendo crescido sem jamais ter visto uma mulher ou mesmo animal do sexo feminino, ao adquirir maturidade, o jovem indaga a respeito

de como os seres humanos nascem, ao que recebe a seguinte resposta:

O homem inicia sua existência no ventre de uma pessoa de nossa espécie, ou seja, no ventre de uma mulher, que tem uma determinada forma. Quando está no ventre, ele é muito pequeno, mas tem vida, move-se, alimenta-se e cresce pouco a pouco, até que chega a um certo estágio de desenvolvimento. Ele então deixa o ventre e continua a crescer até que esteja em condições de ser notado por você (MAIMÔNIDES, Guia, II, 17).

O órfão naturalmente ficará intrigado e descrente da resposta que recebera. E tendo inquirido mais detalhes que o deixariam ainda mais intrigado, argumentará:

Se qualquer um de nós fosse privado de respirar por um breve tempo, morreria e cairia inerte. Como imaginar que alguém possa permanecer durante meses dentro de um saco, e este saco, dentro de um corpo, e permanecer vivo e em movimento? Se alguém devorasse um pássaro vivo, este morreria instantaneamente ao chegar no estômago e, por um motivo maior, quando chegasse no baixo ventre. Caso alguém não comece nem bebesse, morreria, sem dúvida alguma, em poucos dias. Como, pois, poderia alguém ficar durante meses sem comer nem beber? Qualquer um que, tendo se alimentado, não evacuasse, sofreria dores terríveis e a morte chegaria em poucos dias. Como eu acreditaria que aquele homem viveu por meses sem esta função? (...) (Guia, II, 17)

O órfão julga as condições de vida e desenvolvimento do feto a partir de seus conhecimentos a respeito da vida tal como é em indivíduos completamente formados e de tal forma, não pode aceitar que a gestação aconteça como lhe foi descrita. Contudo, o sêmen e o óvulo, e o embrião, bem como o feto, obedecem leis naturais de desenvolvimento surpreendentemente distintas daquelas condições de vida e crescimento dos seres já nascidos. A mesma confusão feita pelo órfão seria feita pelos filósofos que acreditam poder provar a Eternidade do Universo a partir das leis que regem as coisas tais como existem hoje na Natureza.

Para Maimônides, é “absolutamente impossível inferir, a partir da natureza que uma coisa possui após passar por todos os estágios de seu desenvolvimento, qual a condição que esta coisa apresentava no momento em que o processo começou.” (Guia, II, 17). As propriedades de uma coisa em potência são diferentes de suas propriedades em ato. Para Maimônides, mesmo as propriedades que o Universo tem em ato (as quais ele não nega) vieram à existência da absoluta inexistência. Haveria uma inversão lógica insustentável em aplicar as leis de causalidade válidas para o Universo já formado à sua Criação (chegando à conclusão de sua impossibilidade ou pretendendo tê-la provado).

É importante ressaltar que apesar de Maimônides parecer admitir que o

Universo *existia em potência* antes de sua passagem ao ato, o que o tornaria um adepto da segunda teoria, a platônica, devemos aqui recorrer novamente à noção de homonímia, de modo que só através dela podemos nos referir ao um Universo que *existia em potência*.

No capítulo subsequente, Maimônides se dedica à refutação dos três últimos métodos dos aristotélicos. Em relação ao quinto método, Maimônides afirma que Deus não passara da potência ao ato por não ter agido na Criação eternamente porque não é um ser material ou uma força que resida e um ser material. Maimônides menciona, como ilustração, o Intelecto Ativo que também não sendo um ser material, age intermitentemente, mas do qual não é dito que tenha passado da potência ao ato. Contudo, Maimônides ressalta que não é sua intenção uma comparação entre Deus e o Intelecto Ativo: Deus age de formas que simplesmente ignoramos.

Para refutar o sexto método, Maimônides recorre novamente à cara noção de *homonímia*.

Primeiramente, Maimônides afirma que um ser com uma determinada vontade não é obrigado a agir simplesmente pela falta de impedimentos externos ou surgimento de circunstâncias favoráveis, a vontade pode livremente passar a existir ou deixar de existir. Aceitando-se isso, questiona-se se essas mudanças da vontade não implicam em uma mudança desse ser que passa a querer ou deixa de querer algo. Maimônides nos explica que, no caso dos seres materiais, Sua vontade está sujeita aos impedimentos externos bem como às circunstâncias de sua modificação, mas que não é esse o caso de Deus, um Ser Puramente Espiritual. Para Maimônides não deveria haver jamais comparações entre a vontade humana e a de Deus, embora falemos da Vontade de Deus por *homonímia*.

Sobre o sétimo método, Maimônides afirma que ele é muito fraco. Argumentam que quando a Sabedoria de Deus decide produzir algo, é produzido e como ela é eterna, o Universo, resultado dela, deveria também ser eterno. Contudo, para Maimônides não devemos e não podemos perscrutar a Sabedoria de Deus. Ignoramos porque o Universo foi criado em um determinado *momento* (por homonímia) bem como ignoramos porque foram produzidas nove esferas celestes, não mais nem menos.

Estão postas, a *creatio ex nihilo* e a teoria da Eternidade do Universo, no mesmo patamar, são concepções plausíveis, não provadas. Maimônides, então, passará a

defender a maior plausibilidade da *creatio ex nihilo* argumentando teologicamente que as escrituras são a ela tendentes; filosoficamente, apresentando dificuldades enfrentadas pela teoria aristotélica; e inclusive fazendo um apelo às ciências naturais. Serão provas, mas não em sentido estrito, ou seja, não serão demonstrações (inferências lógicas), embora Maimônides curiosamente afirme que alguns de seus argumentos se aproximam muito de uma demonstração da *creatio ex nihilo*.

Maimônides afirma que para percebermos que as duas teorias estão em pé de igualdade devemos, com honestidade intelectual (sem estarmos predispostos a aceitarmos uma ou outra opinião), considerar que importa menos a quantidade de argumentos a favor de uma teoria que a qualidade de tais argumentos, de modo que um argumento poderia ter força para refutar muitos outros contrários. Como bom arauto e sentinela da doutrina da onipotência divina, preocupado com a firmeza da crença de seus correligionários, afirma em relação à Eternidade do Universo:

[...] Essa é uma teoria que, por um lado, não está em harmonia com a ordem existente das coisas e não oferece, para isto, razão ou argumento suficiente; e, por outro lado, implica muitas e grandes impossibilidades, pois, segundo ela, Deus, cuja perfeição em todos os níveis é reconhecida por toda pessoa inteligente, está em tal relação com o Universo que nada pode mudar. Assim, se Ele desejasse aumentar a asa de uma mosca ou reduzir o número de pernas de um verme, não poderia. Segundo Aristóteles, Ele nem pode tentar fazer isto e é totalmente impossível, para Ele, desejar qualquer mudança na ordem existente das coisas. Caso Ele pudesse, isto não aumentaria Sua perfeição, ao contrário, segundo alguns pontos de vista, poderia até diminuí-la. (Guia, II, 22).

E ainda:

[...] Os milagres são evidências da correção do nosso ponto de vista. Admitida a Criação do Universo, todos os milagres são possíveis, bem como a Profecia, e se desvanecem todas as dificuldades.” (Guia, II, 25).

Maimônides assumiu que caso tivesse, a Eternidade do Universo, sido provada por meio de demonstração, não negaria sua correção e afirmou que a própria revelação não é necessariamente excludente da possibilidade desta teoria (bem como não é em relação à segunda teoria). Em resumo, aquilo que a Escritura contém de passível de refutação por meio de demonstração deve ser revisto e reinterpretado de forma não literal. Sua hermenêutica é regida pela Filosofia e é, portanto, um trabalho filosófico tanto quanto teológico. Para ele, o absoluto conhecimento metafísico correto é impossível. Assim como os profetas se apropriaram das verdades religiosas que a eles foram reveladas, nos apropriamos das verdades metafísicas por meio de lampejos de

iluminação do intelecto que nos permitem inferir, a partir do mundo sensível, asserções de caráter negativo a respeito do mundo suprassensível.

Como um verdadeiro pastor do povo judeu, Maimônides adverte àqueles de pouca instrução para que não se deixem levar por opiniões que possam os deixar confusos e os exorta a se manterem firmes nos princípios básicos de Moisés e Abraão (esse é, afinal, o objetivo de Maimônides ao escrever um “*Guia Para os Perplexos/Confusos*”), fundamentos da ordem social e religiosa, uma solução tipicamente conservadora, análoga a dos pensadores cétricos (ou até mesmo de pensadores de outras escolas filosóficas que, em algum caso particular, viram-se impossibilitados de resolver determinada questão demonstrativamente) que tendo *suspendido o juízo*, optam, no âmbito da vida prática, por seguir as leis e costumes vigentes. Poder-se-ia acrescentar em força à plausibilidade da opção feita por Maimônides, além da fé e autoridade dos Profetas e da Escritura (a qual os judeus sustentam não somente com a fé, mas também com teorias da tradição mosaica como fonte de conhecimento confiável), o fato de que “(...) os costumes [em geral] são um arsenal ou depósito de experiências humanas decantadas ao longo de séculos ou milênios; e tal arsenal constituiria uma espécie de repertório de sabedoria compartilhada ao longo de muitas gerações” (ARAUJO, C. 2008, p. 76-77). Entretanto, deve-se lembrar que o próprio texto do Guia afirma que Aristóteles, na opinião de Maimônides, assumindo sua impossibilidade de demonstrar a Eternidade do Universo, se apóia na autoridade dos filósofos, ou seja, também recorre à sua tradição, de modo que Aristóteles estaria igualmente correto ao confiar na tradição de seu respectivo povo.

O Rambam firma seu compromisso com a racionalidade e, em posse dele, parte na tentativa de estabelecer verdades teóricas em concordância com a Revelação e adaptar a Escritura às verdades racionais que, para ele, se mostram inquestionáveis (as que foram postuladas por inferência lógica), e se mantém fiel à filosofia até onde lhe é possível, mas restringe o escopo da especulação racional. Embora, por exemplo, a existência de Deus, para Maimônides, possa ser uma conclusão racional, ele desenvolve amplamente o conceito de *profecia* - de modo que ela seria um estágio superior à filosofia - e impõe limites à especulação racional. Temos, na discussão a respeito da Criação, um caso emblemático.

Referências Bibliográficas:

ARAUJO, Cícero R. “Cosmopolitismo, Ceticismo e Civilização”. *Revista Sképsis*. Ano II, nº 3 – 4, 2008, p. 67-93.

CAVALEIRO DE MACEDO, Cecilia. “Um Órfão na Ilha Deserta: A Crítica de Maimônides a Aristóteles Quanto à Eternidade do Mundo”. *Revista Pandora Brasil*. São Paulo: nº 13. Dezembro de 2009.

GUTTMANN, Julius. *A Filosofia do Judaísmo*. São Paulo: Perspectiva, 2003.

MAIMONIDES, *O Guia dos Perplexos*. Parte 2. Trad. Uri Lam. São Paulo: Landy, 2003.

SABAN, Mario Javier. *Rambam: El Genio de Maimónides*. Buenos Aires: Saban, 2008.